

ID: 116909826

30-04-2025

ECO AO  
QUADRADO

**CATARINA ROSETA PALMA**  
Professora Associada, ISCTE  
Business School

# Soberania para que te quero

A rede elétrica precisa de ser melhorada, para se conseguir gerir a combinação de fontes que temos como a eólica e a solar.

Vivemos tempos peculiares. Depois de várias décadas em que a Europa deu primazia à integração das redes energéticas e dos mercados de bens, voltou à tona o discurso da soberania nacional. Em Portugal, pequeno país periférico no continente europeu, surgem preocupações sobre a capacidade de assegurar os bens essenciais como a eletricidade e os alimentos dentro das suas fronteiras. O apagão desta semana, cuja origem veio do país vizinho, serviu de mais um pretexto para aqueles que entendem que os portugueses teriam a ganhar se ficassem “orgulhosamente sós”, como se dizia antigamente. Defender que conseguiríamos gerir melhor as nossas circunstâncias internas com os nossos próprios recursos é esquecer as gigantescas vantagens económicas da interação com os nossos parceiros bem como a reforçada capacidade

de resiliência, ou seja, de recuperação após choques, que a existência de interligações pode trazer. Soberania não é sinónimo de segurança.

Num contexto de transição climática cada vez mais urgente, assistimos incrédulos a senhores de vetusta idade a apelidar Portugal de país míope por aproveitar para importar eletricidade de Espanha quando está mais barata por lá (certamente gostariam de ver aumentar a fatura elétrica) ou a declarar que estaríamos bem era a reativar as nossas centrais a carvão para não sofrer apagões (que se lixem as alterações climáticas). Ora, parece-me importante reafirmar que o caminho tem de ser outro, se queremos andar para a frente e não para trás! A rede elétrica precisa de ser melhorada, para se conseguir gerir a combinação de fontes que temos, várias delas intermitentes, como

a eólica e a solar. As redes inteligentes (smart grids) permitem otimizar a produção, a distribuição e o consumo em tempo real e podem incluir sistemas automáticos de deteção de falhas e até de gestão da procura. Independentemente de qual tenha sido a causa do apagão ibérico que vivemos, melhorar a rede aumenta a sua capacidade de resposta e reduz a probabilidade e o impacto de eventos semelhantes no futuro.

Apesar disso, não se pode fingir que, numa sociedade cada vez mais dependente da energia elétrica para tudo, ter uma rede melhorada e centralizada basta para que tudo fique bem. O risco de eventos inesperados, seja de que natureza for, está sempre presente, e no que diz respeito a fenómenos meteorológicos até deverá agravar-se nas próximas décadas, portanto faz sentido ter estratégias de gestão destes riscos a vá-

rios níveis. Possivelmente precisaremos de ter em Portugal mais centrais elétricas “black start” (como todos aprendemos agora, são aquelas que conseguem arrancar sem fornecimento da rede de eletricidade externa). Reforçar a descentralização de sistemas de produção e armazenamento também fará sentido — convém é que estes sistemas estejam preparados para funcionar autonomamente. Quando a esmagadora maioria dos painéis solares dos edifícios residenciais ou comerciais precisam da rede elétrica para funcionar, não servem de reserva do sistema. A legislação portuguesa dificulta especialmente a instalação de comunidades energéticas com capacidade de resposta independente da rede centralizada. Se queremos ter maior resiliência no nosso país, o caminho é por aqui. ■  
Coluna mensal à quarta-feira

ID: 116909826

30-04-2025

**CATARINA R. PALMA**  
O caminho passa por  
comunidades energéticas  
**OPINIÃO 26**

